

Produção de lã e de lã fina em Portugal

Várzea Rodrigues, J; Pinto de Andrade, L.; Martins Abrantes, M.; Rodrigues, A.M. e Rebelo de Andrade, C.

Escola Superior Agrária de Castelo Branco - Quinta da Sr.ª de Mércules
6000 Castelo Branco

Introdução

Em Portugal a ovinocultura desempenha uma importante função sócio-económica. O sector da produção ovina envolve milhares de famílias ao longo de todo o País, especialmente em áreas mais desfavorecidas.

A formação de um Grupo Europeu da Lã, a necessidade de manter a ocupação do espaço rural, tanto em Portugal como nos restantes Países da U.E., as indicações existentes no sentido de salvaguardar a paisagem tradicional e as características culturais locais e a tentativa de reforçar os sistemas de produção que respeitem o ambiente, são premissas que deixam antever algumas possibilidades de melhoria na fileira da lã.

Todos sabemos que a lã não é considerada, em termos europeus, como um produto Agrícola. Sabemos que os programas de apoio não a contemplam mas sabemos também que existem apoios à fixação de populações. Neste sentido a lã pode ser integrável, ainda que de forma indirecta.

Torna-se necessário defender a lã como um produto agrícola, não alimentar e renovável.

Os problemas que afectam os nossos ovinocultores são idênticos em todo o espaço europeu. Estas semelhanças foram por demais evidenciadas nas Primeiras Jornadas Europeias da Lã, promovidas pelo Grupo Europeu da Lã em Outubro de 1999 (Merida -Espanha), e de que se salientam os problemas de comercialização e de desvalorização do produto.

Contudo, percebeu-se que possuímos ainda algumas vantagens que tendem a desaparecer rapidamente e de que se destacam:

- Poucos especialistas em classificação/tipificação de lãs, formados na antiga Junta Nacional dos Produtos Pecuários, que constituem uma mais valia que urge potencializar;
- A base genética que pode permitir a produção de boas lãs (raças da etnia Merino).

A resolução dos principais problemas não pode ser geral para todo o espaço Europeu, nem tão pouco para todo o País. Efectivamente produzem-se boas lãs e lãs de menor qualidade.

As lãs de menor qualidade e de difícil adequação ao processamento industrial moderno, terão que encontrar multissoluções locais e regionais que previsivelmente encaminharão este produto para destinos como a fabricação de produtos de artesanato e produtos de decoração, não obrigatoriamente rústicos e passíveis de associar a novos designs. Obviamente que é possível criar valor acrescentado com este tipo de produtos, mas nem sempre são redistribuídos pela produção.

As lãs de qualidade, produzidas essencialmente nos países do Sul e com base em animais de raças do grupo étnico Merino, são destinadas a processamento industrial e ao fabrico de vestuário.

A resolução dos problemas que caracterizam este tipo de lãs exige uma análise de fileira, desde a produção até à indústria e inclusivamente ao comércio. Contudo não podemos esperar milagres, os preços dos mercados internacionais são determinantes dos preços no mercado interno, tanto na venda directa como nos leilões de lã concentrada e tipificada.

Continuamos a não poder esperar milagres quando se pretende uma solução geral para toda a lã Merina. Poder-se-ão melhorar potencialmente algumas limitações, mas para tal a própria produção teria que fazer um esforço só equilibrável a três - cinco anos de distancia. Pensamos objectivamente nos produtos DOP, que só serão possíveis com a colaboração da industria.

Dentro desta lã existe uma franja de produção, relativamente limitada em termos de quantidade e que envolve as lãs que apresentam uma finura inferior a 22.5μ e principalmente abaixo dos 20μ , que são valorizáveis mesmo no mercado internacional.

O desenvolvimento deste trabalho objectiva a identificação do potencial produtivo nacional para este tipo de fibras, designada por FINAS, concorrencial em procura com outras fibras animais como a Mohair e a Caxemira.

Os produtos finais produzidos são destinados a nichos de mercado de alta exigência de qualidade mas também de condições de produção e de processamento, nomeadamente as ecológicas. Como exemplo refira-se que a lã preta pode vir a ter procura na medida em que apresenta coloração natural garantidamente isenta de processo de tinturaria.

1- Animais e Produções – Evolução Histórica

Existe em Portugal um efectivo ovino total de cerca de 3.414×10^3 ovinos (1997) (quadro 1) que produzem cerca de 8.768 toneladas de lã (D.G.P., 1987).

Quadro 1- Evolução histórica da população de ovinos, produção e concentração de lã, em Portugal (1987 - 1998)

Anos	Animais (1) (x 10 ³)	Produção de Lã (2) (Ton)	Lã Concentrada (3) (Ton)
1987	3035	8700	1602
1988	3187	8800	1431
1989	3347	9100	1497
1990	3360	-	1935
1991	3380	-	1403
1992	3348	-	689
1993	3305	8850	1467
1994	3416	8658	788
1995	3428	8998	444
1996	3380	8636	556
1997	3414	8768	468
1998	3433*	8995*	818

(1)- Anuário Pecuário (1998)

(2)- I.N.E (1998)

Este efectivo nacional engloba um número relativamente elevado de raças, agrupáveis em três grupos étnicos: o Merino, o Bordaleiro e o Churro. O grupo étnico Merino é constituído por três raças: Merino Branco do Alentejo, Merino da Beira Baixa e Merino Preto do Alentejo. Os dados disponíveis apontam para a existência de uma população de Merinos de cerca de 1.300×10^3 animais.

2- Peso económico do subsector lã na produção animal

Com base nas Estatísticas Agrícolas do Instituto Nacional de Estatística podemos verificar que a percentagem do produto da lã relativamente ao produto de toda a produção animal, a preços correntes, tem vindo a decrescer entre 1994 e 1997 (0,26% em 1994 e 0,21% em 1996 e 1997) (quadro 2)

Quadro 2 – Produto final na agricultura, a preços correntes e a preços constantes de 1986, do subsector da lã e do sector da produção animal (PA) em Portugal

Anos	Produto a preços correntes ($\times 10^6$ PTE) (1)		Produto a preços correntes em relação a preços constantes (%)	Produto da lã em relação ao produto Animal (%)	Produto final a preços constantes 1986 ($\times 10^6$ PTE) (1)		Produtos da lã em relação à PA (Preços constantes) (%)	Diferença entre preços correntes e preços constantes ($\times 10^6$ PTE)	
	Lã	Total PA			Lã	Total PA		Lã	PA
1994	1.126	438.050	75.4	0.26	1.494	374.807	0.40	-368	+63.243
1995	900	402.108	63.7	0.25	1.553	356.480	0.44	-563	+45.628
1996	950	450.060	63.8	0.21	1.490	364.886	0.41	-540	+85.174
1997	964	461.842	63.7	0.21	1.513	373.656	0.40	-549	+88.186
1998	1.019*	413.115*	65.0*	0.25*	1.568*	365.234*	0.43*	-549*	+47.881*

Nota: * Resultados provisórios
PTE - escudos
(1)- I.N.E. (1996, 1997, 1998).

Estas percentagens, calculadas a preços constantes de 1986, deveriam variar entre 0,40 e 0,44; deveriam ser superiores no dobro aos verificados nos cálculos a preços correntes.

Observa-se no quadro 2 que o diferencial entre o produto final a preços correntes e o produto final a preços constantes de 1986 tem um comportamento inverso no subsector lã e no sector produção animal considerado na sua totalidade.

Relativamente ao subsector lã o produto a preços correntes é inferior ao produto a preços constantes de 1986 (de -368×10^6 PTE em 1994 a -563×10^6 PTE em 1995). Relativamente ao sector produção animal o produto a preços correntes é muito superior ao produto a preços constantes de 1986 (de $+45.628 \times 10^6$ PTE em 1995 a $+88.186 \times 10^6$ PTE em 1997).

Estes resultados evidenciam uma diminuição do peso da lã no produto da produção animal; enquanto que este é superior a preços correntes, aquele é inferior. Evidenciam ainda que a lã tem sofrido uma desvalorização significativa:

- 1) A produção de lã que é referida nas estatísticas como quase constante;
- 2) O diferencial entre o produto final a preços correntes e o produto final a preços constantes de 1986 é negativo em todos os anos considerados.

Em termos práticos pode-se observar que o produto final da lã na agricultura, a preços correntes é de somente 63.7 a 75.4% do produto final do mesmo subsector a preços constantes de 1986.

3- Concentração de lã em Portugal

Em Portugal existe, desde 1940, um sistema de concentração, classificação e armazenamento de lãs.

Actualmente a concentração é realizada por associações de produtores em três locais, distribuídos pela zona de influência dos Merino Branco e Merino Preto do Alentejo (Beja e Évora) e do Merino da Beira Baixa (Castelo Branco).

No quadro 1 pode-se observar a evolução das quantidades de lã concentradas de 1987 a 1998.

A lã concentrada varia de forma notória entre os anos sendo estimado em 15-20% da produção.

A maioria dos produtores não concentram a lã, preferindo vender a intermediários e não esperando quatro a cinco meses pelos leilões. Normalmente recebem um preço por Kg mais baixo e independente da qualidade da lã.

4- Preço da lã

Com base nos resultados apresentados no quadro 3, podemos verificar as flutuações dos preços na venda directa e em leilões, de 1991 a 1998.

Quadro 3- Preços de venda directa, preços em leilão e percentagem de variação do preço no leilão em relação ao preço na venda directa.

Anos	Preço de venda directa (\$/kg)	Preço em leilão (\$/kg)	Variação em relação à venda directa
1991	90	113,20	+ 25,78
1992	95,6	179,80	+ 88,08
1993	84,6	134,47	+ 58,95
1994	85,3	141,27	+ 65,62
1995	86,4	132,87	+ 53,78
1996	80	125,73	+ 57,16
1997	128	225,20	+ 75,94
1998		131,00	

Fonte: Ovinos e Caprinos. 1998.

Observa-se que o diferencial entre o preço da lã na venda directa a intermediários ou à indústria e a preços de lã em leilões é importante, ainda que bastante variável com o ano (+25,78% em 1991 a +88,08% em 1992), mais favorável aos preços obtidos em leilão.

De 1993 até 1997 este diferencial é consistentemente favorável à venda em leilão (+50% de valorização no leilão em relação à venda directa).

5. Qualidade da lã Merino produzida em Portugal

A qualidade da lã produzida em Portugal é heterogénea e está dependente do grupo étnico que a produz. É assumido que as raças da etnia churra proporcionam lã considerada de má qualidade, caracterizada por ser lisa e de toque áspero. Em contrapartida as raças do grupo étnico Merino são consideradas como produtoras de lã de qualidade, caracterizada por ser macia ao tacto e apresentar fibras muito onduladas.

Neste trabalho pretendemos, a partir do efectivo Merino, realizar uma estimativa fiável e objectiva da produção de lãs (com menos de 22.5μ de diâmetro) em Portugal.

No quadro 4 encontra-se a distribuição percentual, das lãs Merino concentradas entre 1990 e 1997, pelas classes de tipificação utilizadas em Portugal.

Quadro 4 – Evolução da finura (%), com base nas classes de tipificação, por local de concentração (1990-1997).

Anos	ÉVORA			BEJA			CASTELO BRANCO		
	AA	A	B	AA	A	B	AA	A	B
90	35.4	34.9	15.4	51.4	27.0	12.2	46.4	22.7	17.3
91	44.9	20.3	20.8	42.8	24.9	15.1	34.2	29.6	14.4
92	37.0	26.7	14.6	50.1	23.3	15.8	39.5	27.9	19.8
93	40.5	29.1	15.5	54.8	17.6	8.40	29.0	28.6	25.0
94	41.5	19.0	25.6	45.3	29.1	15.2	24.7	27.5	30.7
95	47.7	25.1	19.0	49.0	26.5	9.20	12.9	32.5	31.1
96	29.0	30.3	17.4	39.4	31.4	18.8	18.6	25.9	29.3
97	34.3	35.9	18.9	41.6	31.6	15.3	28.3	24.5	24.4

AA- (19- 23 μ); A - (22 - 25 μ) and B - (> 25 - 36 μ)

Fonte: Chabert, Comunicação pessoal, (1997)

É evidenciado que em Beja a percentagem de lã AA (19-23 μ) variou entre 39% em 1996 e 55% em 1993. Em Évora variou entre 29% em 1996 e 48% em 1995.

Em Castelo Branco observa-se que a representatividade percentual das lãs AA tem apresentado uma tendência para decrescer desde 1990 (46,4%), tendo atingido um mínimo em 1995 (12,9%). Esta situação parece resultar dos cruzamentos que têm sido realizados entre fêmeas de raça Merino da Beira Baixa (MBB) e machos de raças exóticas (Frísia, Manchego, Awassi, Assaf e Lacaune) que foram introduzidas no sentido de aumentar a produção de leite (Pinto de Andrade e Várzea Rodrigues, 1997). Também o melhoramento praticado sobre o MBB, no sentido de incrementar a produção de leite, tem tido repercussão negativa sobre a qualidade da lã.

No quadro 5, resultante da consolidação dos dados obtidos nos três locais de concentração de lãs, podemos observar uma tendência para o decréscimo da produção

de lã AA (44,4% em 1990 vs 29,0% em 1996), a que corresponde um aumento da produção de lã A; as classes B e D sofreram ligeiras alterações.

Quadro 5 – Evolução da finura da lã concentrada em Portugal (1990-1997)

Anos	AA (19- 23 μ)	A (22 - 25 μ)	B (> 25 - 36 μ)	D Defeituosos
90	44.4	28.2	14.9	12.4
91	40.6	24.9	16.7	17.4
92	42.2	25.9	16.7	15.1
93	41.4	25.1	16.3	17.1
94	37.1	25.2	23.8	13.8
95	36.5	28.0	19.7	15.6
96	29.0	29.2	21.8	19.7
97	34.7	30.6	19.5	15.1

Fonte: Chabert, comunicação pessoal (1997).

Os dados obtidos na concentração/classificação de lã Merino, obtidos nas campanhas lanares de 1998 e 1999 (quadro 6), permitem observar que a classe AA (19-23 μ) representa 31,5 e 31,2%.

Quadro 6 – Qualidade da lã Merino com base nas classes de tipificação e avaliação laboratorial. Estimativa da produção nacional de lã AA extra e fina

Anos	Lã tipificada (kg)		Porcentagem relativamente à lã concentrada		Estimativa da produção de lã Merino (kg)	
	1998	1999	1998	1999	1998	1999
Classes						
AA (19-23 μ)	173214	133068	31,47	31,22	973563	966019
AA extra (19 - 22 μ)	23510	14137	4,27	3,32	132140	102629
AA fina (21 -23 μ)	149704	118931	27,20	27,91	841423	863390
< 20 μ	9373	6475	1,70	1,52	52682	47006
20 - 22,5 μ	79593	60639	14,46	14,23	447359	440214
22,5 - 25 μ	60549	47453	11,00	11,13	340320	344489
> 25 μ	23699	18501	4,31	4,34	133202	134310
Total	173214	133068	31,47	31,22	973563	966019

Considerando que no País existe uma população Merino de 1.300×10^3 animais e que o peso médio dos velos Merino é de 2,380 kg, podemos estimar uma produção total nacional de 3.094 toneladas de lã Merino, nos quais estimamos a existência de quase 1.000 toneladas de lã da classe AA.

A classe AA é constituída por duas subclasses: AA extra (19-22 μ) e AA fina (21-23 μ). Verifica-se que da representatividade da classe AA (31-32%) somente 3-4% são AA extra; os restantes 27-28% são AA fina.

Por definição existe uma sobreposição do diâmetro das fibras entre as duas subclasses. Após amostragem aleatória de velos de cada uma das subclasses e da determinação laboratorial, por OFDA, do diâmetro das fibras podemos concluir que na classe AA existe 1,5 a 1,7% da lã Merino tipificada com diâmetro inferior a 20μ e 14,2 a 14,5% de lã com 20-22,5 μ .

A estimativa da produção de fibras com menos de 22,5 μ aponta para uma disponibilidade anual de 487-500 toneladas de lã, com as características referidas, dos quais somente 47-53 toneladas apresentam menos de 20μ de diâmetro.

Estes resultados permitem prever a existência de uma população de 19.000-22.000 de Merinos produtores de lã com menos de 20μ .; se considerarmos os produtores que concentram a sua lã, poderão existir somente 2.700 a 3.900 animais.

Encontramo-nos nos limites mínimos de uma população, que poderá ainda permitir a recuperação de uma linha de Merino produtor de lãs finas. Contudo, urge actuar de imediato de forma direccionada sob risco de perdermos uma base genética valiosa mas de momento ainda não economicamente valorizada.

Considerações finais

A venda da lã concentrada, através de leilão, com base em lotes compostos por partidas de boas lãs e de lãs de menor qualidade poderá vir a ser alterada. Pelo menos uma parte da lã constituída por fibras finas (<22,5 μ) deverá ser vendida em lote individual e convenientemente valorizada. O pagamento à produção deve ser especificado para esse tipo de lã.

Surge como vantagem estimular os produtores para um determinado tipo ou objectivo de produção; pode surgir como inconveniente um acréscimo de dificuldades na comercialização das lãs de menor qualidade.

É necessário um trabalho de sistematização que tem que apresentar duas vertentes:

- O realçar perante a produção da vantagem económica da produção de lãs finas;
- O estabelecimento de programas de selecção que, pelo menos, contemplem alguns dos parâmetros associados à qualidade da lã.

Não nos parece possível estabelecer programas de melhoramento para a produção de lã, mas parece-nos pertinente, possível e prático a introdução de critérios para melhorar a lã, dentro dos programas de melhoramento existentes, principalmente para a produção de carne.

Atrasar a definição do que se pretende para o subsector lanar está a conduzir ou a permitir uma rápida diminuição do número de animais disponíveis para a produção de lãs finas, sendo indispensável uma efectiva colaboração das organizações da lavoura.

O pequeno número de animais produtores de lã com <22,5 μ e principalmente com <20 μ , a sua distribuição por um elevado número de explorações, a introdução de outras raças em cruzamentos, a situação pouco favorável do Mercado da lã, a quebra de rendimento deste subsector e a ausência de definição de objectivos poderão, a curto

prazo, permitir o desaparecimento desta base genética, tornando irreversível o processo de regressão da qualidade da lã a que temos vindo a assistir.

Uma parte significativa da base genética, que serviu de precursor aos efectivos produtores de lãs finas no hemisfério Sul está a desaparecer de forma acelerada.

Nesta linha de pensamento integra-se o conceito de manutenção da biodiversidade, que é um objectivo indiscutível; contudo, tem que ser suportado e exigido pela sociedade e tem que ter o apoio inequívoco e estimulante por parte do poder político, dos organismos centrais e regionais responsáveis pela ovinocultura, para que a produção possa procurar a satisfação desse mesmo objectivo, contribuindo activamente para a sua persecução.

Estamos em crer que existe actualmente vontade política para inverter a situação das lãs. Já se reiniciaram formações específicas na área, existe um conjunto de apoios financeiros que podem ser considerados e utilizados por este subsector e foi feito um esforço para equipar e reforçar a capacidade de análise. Somos da opinião que estão a ser criadas as condições necessárias para que as organizações detentoras dos livros genealógicos das raças de Merino reequacionem os programas de melhoramento genético das respectivas raças e introduzam os critérios necessários ao melhoramento das lãs, sem que necessariamente alterem o objectivo de produção (principalmente carne), contribuindo para atingir um objectivo e beneficiando com isso.

Somos da opinião que:

- É premente reunir todos os intervenientes, na fileira;
- É necessário decidir se é pretendida a produção de lãs finas, porque para isso é necessário aumentar o volume produzido, sobre pena de não ser passível de processamento industrial, e aumentar a homogeneidade da matéria prima;
- É necessário estudar as possibilidades de criação de DOP.

Bibliografia

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE PORTUGAL. 1998. Instituto Nacional de Estatística.

ANUÁRIO PECUÁRIO. 1998/99. Gabinete do Planeamento e Política Agro Alimentar. Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas.

I.N.E. (1996). Estatísticas Agrícolas. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa. Portugal.

I.N.E. (1997). Estatísticas Agrícolas. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa. Portugal.

I.N.E. (1998). Estatísticas Agrícolas. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa. Portugal.

PINTO DE ANDRADE, L., ALBERTO, D., VÁRZEA RODRIGUES, J., CHABERT, J. 1997. “Typical Livestock Products and Rural Development- The study case of Fine Wool”. 2th European Workshop of the LSIRD network.- “Improving market integration and value-adding in domestic livestock enterprises in disadvantaged regions- the implications for future research.” University of Kassel, Witzenhausen, Alemanha. 27-29th September.

PINTO DE ANDRADE, L., VÁRZEA RODRIGUES, J. 1997. "Fine Wool in Portugal". 1st European Workshop of the EFFN network. - "Development of European Standards for the objective measurement of genetic selection parameters, based on quantity and quality fibre traits." EFFN News. 2: 5-7. Villaviciosa, Espanha. 10-11 October.

PINTO DE ANDRADE, L., VÁRZEA RODRIGUES, J. AND SERRANO, J. 1998. "The Quality of Fine Wool in Portugal - Preliminary Results". 3rd European Workshop of the EFFN network. - "Quality Assessment and the Requirements of the Fibre manufacturing Industry." EFFN News. 4: 2-5. 4-5 September. Kelmis. Belgium.

OVINOS E CAPRINOS. 1998. " O Estado da Campanha Lanar de 1998". 3: 9-11. Federação das Associações Portuguesas de Ovinicultores e Capricultores.